

Ainda no ramo das inferências mais francas à Etnomusicologia Aplicada, e das suas ferramentas e metodologias – destacadamente a pesquisa-ação participativa ou mesmo participante – é interessante mencionar: 1) os escritos de Júlia Tygel (2005), que tratam de uma reflexão crítica acerca da implantação de uma metodologia participativa em dois trabalhos que sumarizavam a pesquisa e a ação integradamente¹⁵; 2) o artigo de Samuel Araújo (2006), autor referido por Vincenzo Cambria e também atuante no Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, que narra especificidades e vicissitudes da inserção da perspectiva etnomusicológica aplicada e participante numa proposta de mapeamento das práticas musicais e seus sentidos sociais na comunidade da Maré no Rio de Janeiro – a descrição disto tocando pontualmente em elementos interessantes à discussão do método e das orientações éticas constitutivos de tal iniciativa.

O capítulo assinado por Angela Lühning em 2006, com o sugestivo título *Etnomusicologia brasileira como etnomusicologia aplicada: inquietudes em relação às músicas brasileiras* faz coro com os demais textos mencionados. A autora, num discurso irrequieto e tenaz, engendra-se no cenário das proposições por ações mais deliberadas de pesquisadores das áreas das ‘humanidades e estudos culturais’ – e, sublinhadamente, dos etnomusicólogos – no sentido da intervenção acadêmica, social e política em prol da conformação de uma real reciprocidade e equanimidade entre quem investiga determinada realidade cultural e quem é “nativo” de tal contexto: o caminho mais evidente para compreensão da diversidade músico-cultural do Brasil.

[A autora considera importante] criar de fato uma forma mais participativa de etnomusicologia, já que no Brasil, diferentemente da Europa, existe a chance única de juntar os próprios praticantes com os interessados, estudiosos, educadores que procuram caminhos e formas de mais visibilidade para estas manifestações, criando a partir daí uma prática de compromisso social com as possíveis aplicações de posturas etnomusicológicas. (LÜHNING in TUGNY, 2006, p. 50)¹⁶.

Outro autor que se dedicou ao tema em atenção foi Michel Thiollent (2008) que, embora não sendo etnomusicólogo de ofício, escreve um capítulo no livro *Música em Debate*¹⁷ onde expõe o que chama de “anotações e primeiras interrogações” acerca da aproximação entre as diretrizes da pesquisa-ação e pesquisa participativa com a área da Etnomusicologia: perspectivas da pesquisa-ação em etnomusicologia é o mote da seção em que seu texto se posta. Suas colocações e indagações demonstram, primeiramente, as possibilidades do empreendimento de pesquisa etnomusicológica aparelhada segundo os termos e os procedimentos da pesquisa-ação participativa, mas também denota o estágio ainda nascente, naquele tempo, das propostas de coadunação

¹⁵ O artigo de TYGEL, 2005 talvez se coloque, nesse levantamento inicial, como aquele que trata mais diretamente da etapa de experimentações, equívocos, correções e acertos da implantação de um ideário da Etnomusicologia Aplicada e da pesquisa ação participante num cenário de incipiência desta vertente no contexto acadêmico-social e educacional brasileiro. O seu caráter mais reflexivo e de delineamento de premissas iniciais, contudo, faz com que se coloque tal texto na parte de um panorama das inferências à Etnomusicologia Aplicada no Brasil. Sublinhe-se, também, que a autora demonstra implicitamente que a pesquisa e a ação participativa são ferramentas caras à subárea da Educação Musical (com a qual a Etnomusicologia, em felizes oportunidades, tem se comunicado no país). Ver outros trabalhos de Tygel.

¹⁶ Evidentemente, como adiantado na nota n. 8, as ideias de Angela Lühning (2006) são, em imenso, consoantes aos apontamentos de José Jorge de Carvalho (2004), embora os textos tenham um formato geral de escrita um tanto distinto. Ademais, sobre este texto de 2006 e, especificamente a respeito da citação em destaque, confessa-se que algumas afirmativas e comparações, por exemplo, da Etnomusicologia brasileira com a Etnomusicologia internacional, careceriam de uma revisão mais minuciosa para se evitarem riscos de generalizações carentes de embasamento.

¹⁷ (ARAÚJO, PAZ & CAMBRIA, 2008). Ao que parece, Thiollent escreveu a convite dos organizadores.

de tais universos acadêmico-metodológicos. A maneira de seu discurso, inclusive, corrobora com o marco citado acima, do ano de 2004, como uma possível baliza para a defesa inicial e implantação de trabalhos etnomusicológicos baseados nos ditames da pesquisa-ação no Brasil; nesse sentido, Thiollent cita trabalhos – então incipientes – de pesquisadores do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, a saber, Vincenzo Cambria e Samuel Araújo, ambos mencionados acima.

[A perspectiva da pesquisa-ação e participativa] possui uma longa história e, muitas vezes, é associada à busca de paradigmas alternativos ao dominante (pesquisa convencional de tipo positivista, com padrão de observação unilateral, sem consulta, sem diálogo nem retorno). Já foi aplicada nas mais diversas práticas sociais e áreas de conhecimento (educação, comunicação, cultura popular e artes etc.). Não há motivo para que ela não seja aplicável em pesquisa etnomusicológica, para pesquisar e agir no campo da música popular, junto aos próprios músicos e aos outros atores interessados nessa forma de expressão cultural. De fato, pesquisadores do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ já estão empenhados nesse desafio (Araújo, 2004; Cambria, 2004). As anotações aqui apresentadas não são propostas por um especialista em etnomusicologia. Trata-se apenas de primeiras indagações feitas a partir de princípios gerais de metodologia de pesquisa-ação, como tentativa de imaginar como, dentro de uma perspectiva educacional e cultural, seria possível conceber projetos de pesquisa-ação em contexto universitário (ensino, pesquisa ou extensão) sobre aspectos da música popular e com participação direta dos interessados. (THIOLLENT *in* ARAÚJO, PAZ & CAMBRIA, 2008, pp. 189-90).

Ao método: experiências em Etnomusicologia Aplicada

Após rascunhar o cenário das inferências e investidas reflexivo-conceituais primeiras acerca da Etnomusicologia Aplicada no Brasil, os parágrafos seguintes cumprem a tarefa de enumerar e descrever, mesmo que sucintamente, algumas experiências condizentes com as práticas metodológicas intrínsecas deste ramo do conhecimento. Adiante, portanto, resenham-se as perspectivas de alguns autores a respeito de suas experiências de orientação etnomusicológica colaborativa, e pautadas pelo reconhecimento da posição dos representantes da alteridade enquanto entes ativos e equânimes em seus ambientes de domínio que, em geral, conformam-se pelo trânsito multifacetado e multidirecional de saberes.

O primeiro exemplo que se distingue nesse universo da experimentação da Etnomusicologia Aplicada em terreno brasileiro vem do relato e considerações de Francisca Marques (2008) ao longo de seu artigo *Educação comunitária como prática de Etnomusicologia Aplicada: reflexões sobre uma experiência no recôncavo baiano*. A partir do encadeamento das subáreas da Etnomusicologia e da Educação Musical, Marques deslinda especificidades do “surgimento e desenvolvimento” dum projeto educativo levado à frente na localidade de Cachoeira, na Bahia; o qual se constituiu calcado no compartilhamento do “diálogo e anseios comuns de validação e continuidade [da] proposta [...] entre seus interlocutores (pesquisadora e comunidade pesquisada).” (MARQUES, 2008, pp. 01-02). A abordagem do texto inicia-se com comentários acerca da história e especificidades da localidade de realização da proposta, seguindo daí para um relato pragmático sobre as idas e vindas da pesquisadora para o ambiente de seu trabalho, e de como tais experiências influenciaram suas ementas na situação. As características do plano de educação e dos seus desdobramentos (criação, inclusive, de uma ONG local) colocam-se no centro da redação, que dedica considerável espaço para falar também de resultados – materiais e imateriais – que se atingiram via contato

responsivo e atento com aquela comunidade¹⁸. A pesquisadora-atuante – com base em muitos autores que aqui se elencaram – reflete, em sua conclusão, sobre dificuldades e benefícios que se equilibram assim na prática da Etnomusicologia colaborativa e participante. E apesar de fornecer um exemplo de considerável sucesso, Marques não deixa de assumir e registrar sua postura crítica ao mencionar ainda a existência de um nocivo tipo de ranço ‘academicista’ contra propostas construídas com a participação da sociedade, diga-se, ‘extrauniversitária’. Ainda assim, algo de otimismo aparece no encerramento de sua argumentação:

Esse pensar em comum em torno de uma relação de autêntico diálogo é tarefa de sujeitos, não de objetos. Essas relações que se tecem socialmente e se articulam entre políticas de ação e educação comunitária exigem enfrentamento e desafios enormes para os pesquisadores/educadores e as comunidades, mas elas podem ser vividas e os desafios superados dentro do processo educativo de forma possível, igualitária e criativa. (MARQUES, 2008, p. 138).

Outra resenha a se propor diz respeito a um painel realizado no V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, com texto posteriormente publicado na revista *Música e Cultura* (também da ABET, no ano de 2011), sob o título de *O Trabalho de Campo em Pesquisa-Ação Participativa: Reflexões sobre uma Experiência em Andamento com a Comunidade Negra dos Arturos e a Associação Cultural Arautos do Gueto em Minas Gerais*. Clareando, desde o título, a perspectiva reflexiva em torno da Pesquisa-Ação Participativa, e o ambiente de sua atuação e experiência com esse tipo de proposta de trabalho, a autora – Lucas (2011)¹⁹ – oferece um texto que concatena, proveitosamente, a citação de conceitos da antropologia e etnomusicologia, com apontamentos de vivência em campo. A dialética entre “campo e gabinete”, conforme se apreende do texto, fez a pesquisadora se aproximar do ideário e exercício mais participativo e dialógico da Etnomusicologia, visando com esta postura maior compreensão de aspectos inerentes às comunidades de seus interlocutores.

[...] nossa reflexão se volta para os modos de se fazer o trabalho de campo, quando o processo inclui a perspectiva da pesquisa-ação participativa. O foco são as relações humanas, que se tornam bem mais intensas e dialógicas nesse tipo de pesquisa, e sobre a importância de se considerarem possíveis “diálogos de surdos”, ou de mal-entendidos, nas interações que evidenciam um distanciamento cultural, buscando formas de minimizá-los. (LUCAS, 2011, p. 48).

Outra característica que se sublinha no trabalho em questão o aproxima de algum modo das constatações e narrativas de dificuldades acima mencionadas e referentes ao artigo de Francisca Marques (2008)²⁰. A desconfiança – histórica e

¹⁸ Alguns destes materiais resultantes da proposta educativa, segundo a autora, podem ser acessados na internet via links mencionados em notas de seu referido texto.

¹⁹ Faz-se necessário mencionar, aqui, o artigo de coautoria de Glaucia Lucas e outros pesquisadores da Escola de Música da UFMG (em Belo Horizonte) em que se trata de novo, ainda que indiretamente, de detalhes referentes à atuação em pesquisas de viés etnomusicológico formatadas conforme a metodologia participativa e da pesquisa-ação (ver: LUCAS *et al.*, 2016) em número da revista *Word of Music*, de Göttingen, Alemanha, organização de A. Lühning e R. Tugny. Algo semelhante também ocorrendo com relatos mais recentes do antes citado Vincenzo Cambria e outros autores (2016): texto que será também resenhado adiante neste artigo. Inevitável destacar, ainda que repetidamente, a aparição dos nomes de pesquisadores como Cambria, Lucas e Lühning novamente perto uns dos outros.

²⁰ Glaucia Lucas, inclusive, tem o texto de Francisca Marques citado e anotado em suas referências. Outros textos que se sublinham das leituras de Lucas (2011) são os de Cambria (2004) e de (ARAÚJO, 2004 e

socialmente compreensível – das comunidades em que se pretende atuar, e a resistência ao contato e à interlocução cooperativos entre indivíduos dos universos, diga-se, intra e extra-acadêmicos são pontos tocados pelo texto que trata das experiências com a Etnomusicologia Aplicada na capital mineira e na sua região metropolitana. Outra conexão entre tais autoras – Marques e Lucas – se toma como uma preocupação de viés educacional: depreendem-se da leitura algo de orientações didático-pedagógicas, metodológicas e éticas para o embasamento e formação de novos estudiosos interessados no trabalho etnomusicológico participativo:

Para o pesquisador, ou aluno-pesquisador, a experiência compartilhada [em campo e através da pesquisa-ação] se apresenta como potencialmente bem mais rica e complexa em termos de interação social, em se comparando com modelos mais tradicionais da pesquisa interpretativa. No entanto, esse diálogo vai ser tão mais profundo quanto mais atento o pesquisador estiver para a qualidade das habilidades interpessoais nesse relacionamento. [...] realço igualmente a importância de se discutirem intensamente com os alunos-pesquisadores as questões de ética e de respeito, sempre fundamentais; de se desenvolverem as habilidades interpessoais e interculturais que partem de uma ampliação da escuta e do olhar, e de se atentar para que contenham o impulso de um julgamento ou interpretação imediata e precipitada, baseados nos condicionamentos culturais naturalizados do pesquisador. Acredito que, dessa forma, estarão mais aptos a ouvir e a atuar com os grupos com que se constroem conhecimentos, reconhecendo eventuais diferenças conceituais e perceptivas e identificando os modos de pensar que se configuram como categorias analíticas próprias, para possibilitar enfim trocas e diálogos de entendimentos mútuos. (LUCAS, 2011, p. 57).

O terceiro caso que se revisa é dos escritos de Luciana Prass (2013) em sua tese de doutorado que se transformou em livro: *Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: musicalidades quilombolas no Sul do Brasil*. Segundo termos da própria pesquisadora, algo que motivou seu trabalho foi:

[o] interesse das próprias comunidades envolvidas na pesquisa [grupos quilombolas do RS] em divulgar suas práticas musicais e suas narrativas sobre elas, que corporificam muito de suas lutas históricas e contemporâneas por cidadania. [...]. A tese fruto do doutorado [que originou o livro] inseriu-se, assim, no coletivo de ações afirmativas emanadas dos movimentos sociais, ao tomar as práticas musicais de comunidades remanescentes de quilombos do Rio Grande do Sul como objeto de reflexão etnomusicológica, buscando compreender como essas “tradições performáticas” [...] e as narrativas dos colaboradores em campo sobre elas apontam para o lugar da música na agenda identitária desses grupos que lutam por terem seus direitos reconhecidos. (PRASS, 2013, pp. 13-16).

Esta postura responsiva – e baseada na significação musical conforme o uso da comunidade observada – anunciada desde as primeiras páginas do estudo em questão se corrobora durante todo o decurso, com apontamentos surgindo mesmo em momentos do relato etnográfico dado por Luciana Prass. A seguir, na seção das definições metodológicas, a autora coloca outra noção – complementar à primeira – que coincide com o paradigma da equanimidade cultural conforme subentendido no contexto da Etnomusicologia Aplicada e colaborativa:

2006), e, a respeito desses, a autora também menciona seu pioneirismo e novidade na adoção, no Brasil, de uma Etnomusicologia Aplicada e da Pesquisa-Ação Participativa (ver LUCAS, 2011, p. 50).

[...] convivemos em nossos campos de pesquisa com o que o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1986) chamou de “especialistas populares”, cada vez mais cientes do valor de seus saberes e dos direitos implicados nessa autoria e *expertise*. Isso estava colocado teoricamente para mim [...]. Mas a experiência concreta, viva, da etnografia, colocou-me frente a frente com o desafio de desenvolver uma pesquisa que preservasse uma interpretação acadêmica que articulasse os conhecimentos dos colaboradores em campo com os meus, de pesquisadora, embasada em um referencial teórico pertinente ao foco de pesquisa, ao mesmo tempo em que respondesse minimamente às demandas dos grupos pesquisados. Como fazer isso era a questão. (PRASS, 2013, p. 35).

As atitudes afirmativas e dialógicas – e que se pretendem, por fim, colaborativas – desenharam um tempo de convívio e aprendizado que certamente afetou positivamente a realidade de todos os envolvidos no estudo das musicalidades quilombolas então proposto. O comprometimento da estudiosa com as variadas necessidades de seus interlocutores – e, frente a isto, o auxílio de fato prestado aos quilombolas – faz pensar no quanto é instigante a possibilidade de transformações de contexto social a partir de pesquisas atentas a aspectos semânticos das manifestações músico-culturais de várias comunidades.

O penúltimo trabalho que se destaca no tocante à Etnomusicologia Aplicada no país é de Anthony Seeger, recentemente traduzido e publicado sob o título *Por que Cantam os Kisêdjê [?]: uma antropologia musical de um povo amazônico*. O livro redige-se numa prosa que é, ao mesmo tempo, volumosa e muito densa. As características dessa maneira de escrever se compreendem, contudo, porque se depreende de cada parágrafo o intuito de fazer dialogar o pesquisador e os Kisêdjê, o campo e os referenciais teóricos, e os eventos – com sua dinâmica, variantes e dificuldades de registro – com aquela redação etnográfica consagrada à fixidez acadêmica eurocidental. É o pós-fácio dessa obra que chama a atenção segundo os intentos deste artigo: a edição brasileira conta com um texto em adendo que mostra um Seeger assumindo considerar “que os pesquisadores têm a obrigação de aplicar seu conhecimento no mundo ‘real’ da ação social e política. Isso especialmente quando o emprego desse conhecimento pode beneficiar a comunidade da qual este provém” (SEEGER, 2015, p. 272). O autor norte-americano continua seu relato, e afirma abertamente que, de certo ponto em diante de sua carreira...

[...] “muito daquilo em que [se engajou] se enquadra na categoria de ‘antropologia aplicada’ ou ‘etnomusicologia aplicada’, pois estava tomando o conhecimento que [adquiriu em campo, morando em aldeias] para fins acadêmicos e empregando-o em benefício dos próprios Kisêdjê.” (SEEGER, 2015, p. 272).

O trecho em questão trata de um caso bastante interessante da atuação do estudioso que se aproveita do que aprendeu e registrou – durante suas investidas antropológicas de “coleta de dados” – para, anos depois, defender os interesses fundiários e sociais dos índios Kisêdjê na macrorregião do Xingu. Ainda que contingentemente, o “homem branco dos Kisêdjê” – como se referiam os entes daquela tribo para mencionar a pessoa de Seeger – acabou respondendo ao que lhe foi demandado pelos seus colaboradores de pesquisa num nível extra-acadêmico, atingindo as raias da política e das questões de direitos indígenas no Brasil.

Ora, ao modo de uma *coda*, o final desta seção do presente texto retoma um escrito de Vincenzo Cambria – citado acima e, sabidamente, um dos postulantes da Etnomusicologia Aplicada e da Pesquisa-Ação etnomusicológica no Brasil – mas agora

em coautoria com Edilberto Fonseca e Laize Guazina no artigo intitulado “*With the People: Reflections on Collaboration and Participatory Research Perspectives in Brazilian Ethnomusicology* (2016)”²¹. O trabalho, embora não perca um caráter ainda militante, traz um panorama do que se empreendeu no ramo da etnomusicologia mais participativa e colaborativa – aberta ao diálogo com interlocutores – no decorrer de pouco mais de uma década em solo brasileiro. Conforme o resumo dos próprios autores, o seu texto se destina a tratar de perspectivas de um tipo de trabalho etnomusicológico focado principalmente em:

[...] produzir conhecimento “com” as pessoas que encontramos ao redor do mundo e ao lado. Apesar das peculiaridades de suas experiências de pesquisa individuais (em termos de abordagens teóricas e práticas, bem como das diferentes condições de produção de conhecimento nelas contidas), os autores deste artigo compartilham um desafio geral comum: assumir o diálogo e a colaboração como base para um trabalho social e politicamente mais engajado. (CAMBRIA, FONSECA & GUAZINA, 2016, p. 55).

Ainda segundo os três, este paradigma de atuação se configura como um importante e atualizado ponto de inflexão dos trabalhos etnomusicológicos em todo mundo, o qual, de certo modo, faz variar a importância e mesmo a responsabilidade dos pesquisadores no que diz respeito à sua relação e ao seu cuidado com a manifestação musical em estudo e com as comunidades respectivamente envolvidas²². Apesar disso, a literatura acerca de experiências deste exercício político-investigativo é ainda escassa, tanto na realidade internacional quanto dentro da etnomusicologia brasileira. Contudo, aproximando-se de referenciais como os da obra de Paulo Freire e de Mikhail Bakhtin, principalmente para a formatação e inferências sobre perspectivas de pesquisas e ações dialógicas, os três pesquisadores descrevem seus caminhos em ambientes próprios de pesquisas participativas.

Cambria trata dos desdobramentos, vicissitudes e resultados de um trabalho na periferia da cidade do Rio de Janeiro, na comunidade da Maré, e com o grupo de pesquisas *Musicultura*, formado por pesquisadores da UFRJ e moradores da região estudada e para onde se desenham atividades. Conforme registrado, cerca de uma centena de jovens da Maré já participou de ações desenvolvidas pelo *Musicultura*, em tarefas de estudo e levantamento da realidade sonoro-musical de sua comunidade e em empreitadas sócio-educativas e especificamente educativo-musicais. Parcerias com alguns grupos comunitários e mesmo com escolas públicas da localidade têm sido empreendidas para viabilização de atividades programadas em consenso entre estudiosos e colaboradores do lugar. Apesar da complexidade de atuação nesta realidade, tudo parece ser bastante instrutivo para todos os envolvidos²³.

Entre os progressos mais significativos do projeto [*Musicultura*] está uma autonomia alcançada pelos jovens investigadores em suas interações [na] comunidades [e em] locais comunitários, [com] outros grupos e movimentos organizados e o circuito acadêmico. O grupo tem desenvolvido a sua própria agenda, constantemente redefine suas prioridades e estratégias de ação, e continua

²¹ O texto se apresenta como o segundo capítulo no volume 05, n. 1, da revista *World of Music: Ethnomusicology in Brazil* da Universidade Georg August em Göttingen, na Alemanha. Organização das pesquisadoras e etnomusicólogas brasileiras de Angela Lühning e Rosângela de Tugny. Os textos do volume se apresentam integralmente na língua inglesa.

²² A este respeito, as referências a J. T. Titon e K. K. Shelemay se reiteram ao longo do artigo.

²³ Sobre esse tema, ver também a tese de doutorado de Cambria (2012).

trabalhando com entusiasmo apesar do fato de que a conjuntura política em que estamos todos inseridos quase sempre se move na direção oposta. (CAMBRIA, FONSECA & GUAZINA, 2016, p. 64).

Já a proposta de pesquisa de Edilberto Fonseca aponta para uma região distante da agitação das metrópoles, e com outros tipos de carência. Fonseca tem como foco sonoro-musical – desde os idos de 2004, embora a perspectiva participativa tenha se postulado um tanto mais recentemente – o chamado *Terno de Reis dos Temerosos*, grupo tradicional da cidade de Januária, norte de Minas Gerais, região castigada pelo clima quente e semiárido, mas nem por isso menos rica culturalmente.

O *Terno* é um grupo ligado à celebração católica da Epifania que, entre 25 de Dezembro e 06 de Janeiro, viaja de casa em casa ao longo de uma rota específica pelos bairros da cidade [e] executam representações e canções folclóricas tradicionais. Os *Temerosos* também são conhecidos como “Reis dos Cacetes”, uma vez que o desfile dos chamados “foliões” inclui marchar, cantar e dançar ao som de varas que definem o ritmo quando são lançadas umas contra as outras. (CAMBRIA, FONSECA & GUAZINA, 2016, p. 64).

Com o seu interesse surgindo do contato com gravações de folcloristas da década de 1950, Edilberto imergiu na realidade da cidade e percebeu demandas de agentes culturais dali – artesãos e os próprios foliões – por mais visibilidade para sua produção e festividades constituintes do imaginário social da região. Como indivíduo interessado, o pesquisador impeliu-se a atuação também de promovedor de alguns dos intentos daqueles agentes, em colaboração com suas agremiações.

Durante uma das primeiras viagens de trabalho de campo, foi possível gravar, para o [folião] líder da casa, parte do repertório musical. Embora a pesquisa acadêmica tenha documentado o repertório musical durante as celebrações religiosas, o grupo queria ter seu repertório gravado em CD fora do contexto ritual. [...]. O trabalho agrupando as gravações musicais do grupo *Temerosos* resultou na produção de um CD duplo [...]. Além de gravações históricas de Joaquim Ribeiro [de 1959 e 1960], esses CDs contêm gravações que foram feitas como parte do projeto de pesquisa acadêmica, aquelas feitas por outros pesquisadores, e um livreto, escrito em colaboração com os *Temerosos*, que apresenta um pouco da história do grupo. Os CDs foram entregues livres de encargos para o grupo para distribuição a instituições, pesquisadores e intercolaboradores com interesse. A gravação desse repertório permitiu ao grupo atingir um público mais amplo e conseguir mais visibilidade. O grupo também usa as gravações como faixas de apoio quando solicitado a realizar fora de contextos rituais tradicionais. Questões de espetacularização e ressignificação, promovidas pela utilização de amostras musicais gravadas em performances, foram temas de discussão que, ou surgiram espontaneamente ou foram induzidas, como parte do projeto de pesquisa acadêmica. Por um lado, o mercado de entretenimento, com sua história de mercantilização de expressões culturais, faz com que os executantes percam alguma densidade simbólica. Por outro lado, os ganhos adicionais podem agora ser negociados de acordo com os desejos e interesses do grupo. As formas com que eles vão gerir a sua própria herança cultural é algo que é inteiramente discutido até o grupo a decidir. (CAMBRIA, FONSECA & GUAZINA, 2016, p. 67-8).

Ainda que em meio a uma pesquisa acadêmica, e sendo esperado disso uma maneira escolástica de discorrer sobre o campo, Fonseca conseguiu, ao mesmo tempo, trazer para seu trabalho a narrativa dessas necessárias negociações e atender algo das

aspirações imediatas de seus interlocutores. A autonomia dos foliões na gestão dos contatos de outrem com a sua manifestação músico-cultural – e dos demais agentes de Januária sobre seus produtos de cultura foi um importante desdobramento ali erguido colaborativamente.

Guazina, na sua parte do capítulo, conta de sua experiência de colaboração na criação e embasamento, em 2012, do *Grupo de Estudos em Etnomusicologia* (GEETNO) da Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR/FAP), francamente inspirado no *Musicultura* acima descrito, mas que desenvolvia reflexões e atividades ligadas ao cenário musical de Curitiba.

O GEETNO era uma iniciativa inovadora na universidade não só porque foi caracterizada como um projeto de “extensão” [...] com foco em etnomusicologia, mas também porque tinha uma natureza participativa. A iniciativa reuniu representantes de cursos de graduação e programas de pós-graduação de diferentes universidades em conjunto com pessoas da comunidade maior. Como descrito no documento coletivo [2013], o trabalho do grupo consistia no desenvolvimento de ações de educação participativa, com o compromisso de promover discussões socialmente relevantes e a difusão e produção do conhecimento em etnomusicologia, especificamente destinado a refletir sobre contextos e questões sociais, e sua relação com práticas musicais. (CAMBRIA, FONSECA & GUAZINA, 2016, p. 69).

Com um discurso bastante diretivo e politicamente enredado, a pesquisadora defende posicionamentos éticos e profissionais mais conscientes por parte, sobretudo, de etnomusicólogos e considera importante considerar que...

[a] etnomusicologia e as universidades estão intrinsecamente ligadas à construção de realidades e às maneiras como estas realidades são compreendidas. Por conseguinte, é importante percebermos que muitos conflitos sociais passam pela (ou constituem) a vida de estudantes, professores e outras pessoas relacionadas com as universidades. Estas reflexões podem ajudar pesquisadores a entender o porquê, para quem, e como o conhecimento é produzido, especialmente em conjunturas marcadas pela criminalização da pobreza, desigualdades sociais, racismo, xenofobia, discriminação de gênero, ou outras formas de violência. (CAMBRIA, FONSECA & GUAZINA, 2016, p. 70).

Outra seção do capítulo menciona um levantamento de Laize Guazina sobre a efetivação de trabalhos de etnomusicologia aplicada e/ou pesquisa etnomusicológica participativa conforme documentados nos Anais de Encontros da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET). A autora constata um aumento nessa vertente de atuação, com base no crescente número de descrições a respeito, embora infira também a necessidade de clarear termos e detalhes epistemológicos sobre este tipo de pesquisa. Os três etnomusicólogos – Cambria, Fonseca e Guazina – arrematam seu escrito registrando que as suas vivências – somadas àquilo que vislumbram de outras propostas participativas recentemente relatadas – fazem crer tanto num protagonismo e agência dos entes das comunidades em estudo, quanto no fato de que cada vez mais as inspirações de pesquisadores agora se fundamentam não só por uma curiosidade intelectual, mas antes também por imperativos éticos, políticos e cooperativos.

Considerações finais

O trabalho proposto nas páginas anteriores, embora sem pretensão de ser um levantamento completo e exaustivo de referências²⁴, termina por permitir que se esbocem conclusões sobre as reflexões e usos atinentes à Etnomusicologia Aplicada e à correlativa Pesquisa-Ação Participativa no Brasil. A empreitada de revisão de literatura enunciada revelou que nos últimos doze anos a proposta de uma etnomusicologia e de uma antropologia da música (ou antropologia musical) de vertente colaborativa e dialógica – ou de abordagens congêneres – ganhou destaque no pensamento e na práxis de muitos estudiosos e pesquisadores – em número maior, até, do que os que foram mencionados nas páginas anteriores: e suas tarefas, obviamente pela natureza da nova demanda, tornaram-se outras.

Os escritos reflexivos e os relatos de experiências da aplicação, aqui e acolá, da perspectiva etnomusicológica aplicada e participante, segundo se apura, ainda não são muitos em solo brasileiro; mas também não são poucos. Observa-se, pois, que a Etnomusicologia Aplicada é uma tendência insuspeita e pronunciada no sentido de trabalhos e propostas de intervenção (e interlocução) em comunidades e grupos socioculturais diversos; e a apreciação, ainda que sucinta, dos exemplos acima colocados a este respeito, denota que os aspectos qualitativos intrínsecos das propostas endossam a atenção que se queira despende por sobre esse panorama de atuação consistentemente visitado há mais de uma década.

O estado da arte a que se chegou revela ainda dois pontos interessantes de se ressaltar e também, desde aqui, contextualizar: se de um lado percebe-se a existência de uma enorme coesão do discurso filosófico-metodológico dos autores ora sublinhados, de outra feita cumpre-se ressaltar que os ambientes em que decidem implantar as suas práticas de pesquisa-ação são consideravelmente diversificados. Ou, em outros termos, considerando todas as resenhas apontadas acima – e no interior delas as localidades e comunidades das quais os pesquisadores se aproximavam – ver-se-ão muitas semelhanças dos trabalhos, concernentes ao delineamento teórico-procedimental das suas propostas, enquanto se observa também um somatório de realidades bastante distintas: alguns autores relatam vivências em meio a comunidades afrodescendentes ou quilombolas, outros tratam da realidade de comunidades periféricas de cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba ou do interior da Bahia; há também quem atue mais proximamente dos indígenas brasileiros... O que se depreende, enfim: se os interlocutores são diversos, e vivem em locais que pouco se comunicam ou que, a primeira vista, são mais diferentes que semelhantes, ainda assim há algo que se deve manter na postura dos estudiosos que por eles se interessam: o respeito à sua dignidade, ao seu *status* irrefutável de humano, de sapiente, de questionador e de ativo na ordem de suas proposições peculiares. A responsabilidade e responsividade para com o outro se colocam como orientações primeiras.

Ademais, considera-se significativo que os nomes elencados acima costumem se mencionar, inclusive, mutuamente. Como pontuado ao longo de algumas

²⁴ Sabidamente, os autores e pensadores que tratam, defendem ou praticam a Etnomusicologia Aplicada no Brasil formam um grupo maior do que o acima elencado. Aqui, entretanto, elaborou-se um panorama que trata das primeiras inferências, de alguns desdobramentos intermediários no tempo e outros mais atuais deste tipo de trabalho em música. Para tanto, passou-se pelos escritos de autores que se colocaram mais em evidência, não por questões qualitativas ou de preferência, mas mesmo pela facilidade de contato com seus apontamentos e materiais, tanto em ambientes de congressos, aulas e seminários, quanto via meios digitais. Como exemplos de outros incentivadores e pensantes no ramo de uma etnomusicologia aplicada brasileira talvez se possam elencar nomes como: Maria Elizabeth Lucas, Luciana Prass, Eduardo Pires Rossi, Leonardo Rossi, Marília Albornoz Stein, Rosângela de Tugny, Rubens Aredes, etc. Outros textos panorâmicos a respeito, ou sobre a Etnomusicologia em geral no Brasil atualmente, podem ser vistos em Silva e Stein (2014) ou ainda no volume editado por Lühning e Tugny (2016).

notas, é característico da vertente etnomusicológica brasileira ora estudada a citação dos autores entre si – isto é, um estudioso acaba sendo, oportunamente, referência para o outro. Ou, próximo disso, um grupo de estudiosos pauta-se em referências bastante semelhantes para corroborar suas intenções de trabalho. Além da similaridade e integração das ideias advindas dessa realidade, esse dado apurado nas resenhas também faz crer que a Etnomusicologia Aplicada no Brasil tem passado por constantes revisões de seus parâmetros ético-metodológicos; por reexames procedimentais feitos, pois, pelo mesmo número de estudiosos que se dedica ao seu desenvolvimento.

Ainda assim, talvez se possa acreditar que essa vertente etnomusicológica colaborativa brasileira carregue especificidades interrogativas ainda não suficientemente respondidas – ou, elaborando melhor, que ainda se descubram questões a seu próprio respeito que não se tenham feito até o momento, mas que poderão vir à tona em algum tempo – algo que a diferencie, pelo seu comprometimento, de outras abordagens de pesquisa em música (pensando, aqui, naquelas mais técnico-analíticas e descritivas das coisas sonoro-musicais) ou mesmo que a torne distinta da etnomusicologia praticada pelos estudiosos de e em outros países. O cenário atual brasileiro – com suas notáveis destemperanças e com o acirramento do antagonismo de posições político-sociais – é que faz pensar na possibilidade de este ramo de estudo, no país, necessitar rever, em breve, o seu escopo para se adaptar a um contingente e impretendido futuro.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Samuel. *Socioacoustics of violence in the inner city; issues and challenges to the anthropology of sound*. Conferência não publicada proferida no Centro de Etnomusicologia da Columbia University. Nova York, 2004.

_____. “A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro”. In: *Trans: Transcultural Music Review [Revista Transcultural de Música]*, n. 10, p. 7, 2006.

BÉHAGUE, Gerard. A etnomusicologia latino-americana: algumas reflexões sobre sua ideologia, história, contribuições e problemática. II SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE MUSICOLOGIA (02.). 1999. *Anais...* Curitiba, 1999, p. 41-69.

BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
_____. (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BORN, Georgina E. M. “For a Relational Musicology: Music and Interdisciplinarity, Beyond the Practice Turn”. In: *Journal of the Royal Musical Association*, v. 135, n. 2, pp. 205-243, 2010.

CAMBRIA, Vincenzo. “Etnomusicologia aplicada e ‘pesquisa ação participativa’: reflexões teóricas iniciais para uma experiência de pesquisa comunitária no Rio de Janeiro”. V CONGRESSO LATINO-AMERICANO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DA MÚSICA POPULAR (05.). 2004. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2004.

_____. “Novas estratégias na pesquisa musical: Pesquisa participativa e Etnomusicologia”. In: ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar & CAMBRIA, Vincenzo (Orgs.). *Música em Debate: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2008, pp. 199-211.

_____. *Music and violence in Rio de Janeiro: a participatory study in urban ethnomusicology*. Tese (Doutorado em Etnomusicologia). Wesleyan University, 2012.

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto & GUAZINA, Laize. “‘With the People:’ Reflections on Collaboration and Participatory Research Perspectives in Brazilian Ethnomusicology”. In: *World of Music (New Series): Ethnomusicology in Brasil*. Göttingen, v. 5, n. 1, p. 55-80, 2016.

CARVALHO, José Jorge de. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. In: *Revista O Percevejo – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO – n. 8*, p. 19-40, 2000.

_____. O olhar etnográfico e a voz subalterna. In: *Horizontes antropológicos*, v. 7, n. 15, p. 107-147, 2001.

_____. “Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria de entretenimento”. In: LONDRES, Cecília (et. al.) *Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Rio de Janeiro: Funarte/ IPHAN/CNFCP, 2004, p. 65-83.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HARRISON, Klisala; MACKINLAY, Elizabeth; PETTAN, Svanibor (Ed.). *Applied ethnomusicology: Historical and contemporary approaches*. Cambridge Scholars Publishing, 2010.

LONG, Lucy M. Making the Public Personal: The Purposes and Venues of Applied Ethnomusicology. In: *Folklore Forum*, Indiana University, v. 34, n. 1, p. 97-101, 2003.

LUCAS, Glaura. “O trabalho de campo em pesquisa-ação participativa: reflexões sobre uma experiência em andamento com a Comunidade Negra dos Arturos e a Associação Cultural Arautos do Gueto em Minas Gerais”. In: *Revista Música e Cultura*, v. 6, n. 1, p. 47-58, 2011.

LUCAS, Glaura (et al). “Afro-Brazilian Musical Cultures: Perspectives for Educational Conceptions and Practices in Music”. In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (Ed.). *The World of Music (new series): Ethnomusicology in Brasil*. Göttingen, n. 5, v.1, p. 135-158, 2016.

LÜHNING, Angela. “A Etnomusicologia Brasileira como Etnomusicologia Aplicada: inquietudes em relação às músicas brasileiras”. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ, Rubem Caixeta de. In: *Músicas africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 37-55.

_____. “Temas emergentes da etnomusicologia brasileira e seus compromissos sociais”. In: *Revista Música em Perspectiva*, v. 07, n. 02, p. 07-25, dezembro de 2014.

MARQUES, Francisca. “Educação comunitária como prática de Etnomusicologia Aplicada: reflexões sobre uma experiência no recôncavo baiano”. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 78, p. 130-138, junho/agosto, 2008.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. “Etnomusicologia no Brasil: algumas tendências hoje”. In: *Antropologia em Primeira Mão: Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC*. Santa Catarina, n. 10, p. 04-20, 2004.

_____. Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. In: *ACENO – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 1, n. 1, p. 49-101, Jan – Jul de 2014.

NETTL, Bruno. *The study of ethnomusicology: Thirty-one issues and concepts*. Illinois: University of Illinois Press, 2005.

PETTAN, Svanibor; TITON, Jeff Todd (Ed.). *The Oxford Handbook of Applied Ethnomusicology*. Oxford University Press, U.S.A., 2015.

PINTO, Tiago de Oliveira. “Cem Anos de Etnomusicologia e a ‘Era Fonográfica’ da disciplina no Brasil”. II ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA (02.). 2004. Salvador-BA. *Anais...* Salvador, p. 103-124, novembro de 2004.

PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

REILY, Suzel. “Transcendendo o nacionalismo: a etnomusicologia no Brasil de hoje”. In: *Boletim On-Line da Comissão Maranhense de Folclore*, n. 23, p. 05-06, setembro de 2002.

SALLES, Paulo de Tarso. *Aberturas e impasses: o pós-modernismo na música e seus reflexos no Brasil 1970-1980*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SANDRONI, Carlos. “Apontamentos sobre a história e o perfil institucional da etnomusicologia no Brasil”. In: *Revista USP*, n. 77, p. 66-75, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3ª ed. São Paulo: Graal, 2000.

_____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SEEGER, Anthony. *Por que cantam os Kisêdjê?... Uma antropologia musical de um povo amazônico*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SILVA, Vherá Poty Benites da; STEIN, Marília Raquel Albornoz. Refletindo sobre experiências em Etnomusicologia Colaborativa no Extremo Sul do Brasil. XXIX REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. (29.). 2014. Natal-RN. *Anais...* Natal, p. 01-11. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402923185_ARQUIVO_textoRBA_Marilia_VheraPoty.pdf>. Acesso em 18 de março de 2017.

THIOLLENT, Michel. “Perspectivas da pesquisa-ação em etnomusicologia: anotações e primeiras indagações”. In: ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar & CAMBRIA, Vincenzo (Orgs.). *Música em Debate: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2008, p. 189-197.

TRAVASSOS, Elizabeth. “Esboço de balanço da etnomusicologia no Brasil”. In: *OPUS Revista Eletrônica da ANPPOM*, v. 9, n. 1, p. 73-86, 2003.

TUGNY, Rosângela P. Novas perspectivas para um comércio de especiarias. In: IX CONGRESSO ANUAL DA ANPPON (09.), 1999. *Anais...* Salvador, 1999.

_____. A educação musical nas escolas regulares e os mestres das culturas tradicionais negras e indígenas. In: *Música e Cultura*, v. 9, n. 1, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo”. In: *Revista Mana*, v. 8, n. 1, pp. 113-148, 2002.